

– Encontro com os clássicos –

Um experimento que não falhou*

Martin Buber¹

A era do capitalismo avançado botou abaixo as estruturas da sociedade. A sociedade que a precedeu era composta por diferentes sociedades; era complexa e plural em sua estrutura. Foi isso que a dotou de sua peculiar vitalidade social e a permitiu resistir à tendência totalizante inerente ao Estado centralizador pré-revolucionário, ainda que diversos elementos estivessem muito enfraquecidos em sua vida autônoma. Essa resistência foi batida pela

medida política da Revolução Francesa, dirigida contra os “direitos especiais” de todas as associações livres. Em seguida, o centralismo, com sua nova forma capitalista, obteve sucesso onde o antigo havia falhado: em atomizar a sociedade. Exercendo controle sobre as máquinas e, com a ajuda delas, sobre toda a sociedade, o capitalismo quer lidar apenas com indivíduos; e o Estado moderno o auxilia e coopera desprovido progressivamente os grupos de sua autonomia. As

* Capítulo final (título original: “Epilogue: A experiment that did not fail” [= “Epílogo: um experimento que não falhou”]) do livro *Paths in Utopia* [= *Caminhos da utopia*]), originalmente escrito em 1945 e publicado, em hebraico, no ano seguinte. A primeira edição em inglês apareceu em 1949. A base da presente tradução é a primeira edição inglesa, publicada em Londres por Routledge & Kegan Paul. Tradução: *Eduardo Bayer Knopman*. Notas e revisão da tradução: *Marcelo Lopes de Souza*. Com exceção da nota 3, que é da autoria do próprio Buber, as demais foram elaboradas pelo revisor da tradução e assinaladas com **NR** (= Nota do Revisor).

1 Martin Buber nasceu em Viena, em 1878, e faleceu em Jerusalém, em 1965. Era um intelectual humanista dos mais completos, tendo dado contribuições a campos tão diversos quanto a Filosofia, a Pedagogia, a literatura e a história do judaísmo e da religião judaica; foi, certamente, uma das pessoas mais eruditas de seu tempo. A despeito de a experiência da busca pessoal por Deus e da reflexão sobre temas teológicos serem características emblemáticas de seu pensamento e de sua personalidade, seu espírito livre, questionador, inconformista e, ao mesmo tempo, amoroso e empenhado na realização da justiça o levaram a cultivar uma profunda simpatia pelos pensadores e pelas práticas anarquistas, mesmo sem ser um anarquista típico (se é que isso existe ou existiu...). Como se vê por este capítulo de encerramento de seu extraordinário livro *Paths in Utopia*, Buber era um socialista de corte fortemente libertário, crítico do capitalismo e cético em relação ao “socialismo” burocrático-autoritário; ao mesmo tempo, ele acreditava que a experiência dos *kibbutzim* constituía um dos elementos práticos de uma possível reorganização da sociedade sobre fundamentos de liberdade e valores comunitários e de solidariedade. Como hoje bem sabemos, a combinação de capitalismo em escala global e nacional e de estatismo ultramilitarizado praticamente reduziu a pó a possibilidade de ter no *kibbutz* algo capaz de se manter com tais características político-pedagógicas no longo prazo. Ainda assim, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, ou seja, antes da criação do Estado de Israel, houve, sim, uma experiência fascinante e duradoura, e é sobre ela que Martin Buber discorre e, cheio de esperança, reflete. (NR)

organizações militantes que o proletariado erigiu contra o capitalismo – sindicatos na esfera econômica e o partido na política – são incapazes, pela própria natureza das coisas, de reagir a esse processo de dissolução, uma vez que eles não têm acesso à vida da sociedade em si e a seus fundamentos: produção e consumo. Até mesmo a transferência de capital para o Estado é incapaz de modificar a estrutura social, mesmo quando o Estado estabelece uma rede de associações compulsórias, as quais, não tendo vida autônoma, são inaptas a tornarem-se as células de uma nova sociedade socialista.

A partir desse ponto de vista, a tendência é que se descubra o coração e a alma do movimento cooperativo numa sociedade que se encaminhe à renovação estrutural, à reaquisição, sob novas formas tectônicas [*in new tectonic forms*], de relacionamentos sociais internos; ao estabelecimento de um novo *consociatio consociationum*. É (como eu demonstrei) um erro fundamental vislumbrar esse caminho como romântico ou utópico meramente porque em seus primórdios tivera reminiscências românticas e fantasias utópicas. No fundo ele é completamente tópico e construtivo; Isto é, ele visa mudanças que, dadas as circunstâncias e os recursos à disposição, são factíveis. E, psicologicamente falando, é baseada em uma das eternas necessidades humanas, apesar dessas necessidades terem sido forçosamente suprimidas ou anestesiadas: A necessidade do homem de sentir seu próprio lar como um quarto em uma estrutura inclusiva maior, na qual ele se sinta em casa; de sentir que os outros habitantes com quem ele vive e trabalha reconhecem e confirmam

sua existência individual. Uma associação baseada na comunhão de visões e aspirações somente não pode satisfazer essa necessidade; a única coisa capaz de fazê-lo é uma associação direcionada a vida em comunidade. Porém, aqui, a organização cooperativa de produção e consumo prova-se, cada uma a seu modo, inadequada, pois ambas tocam o indivíduo em certo ponto sem, no entanto, moldar sua vida atual. Por conta de seu caráter meramente parcial ou funcional as organizações deste tipo são igualmente inaptas a atuar como as células de uma nova sociedade. Ambas essas formas parciais provocaram vigoroso desenvolvimento, mas as Cooperativas de Consumo² apenas de forma altamente burocráticas e as Cooperativas de Produção de forma altamente especializada: elas são menos aptas a abranger a vida plena da sociedade hoje do que nunca. A consciência desse fato está levando à forma sintética: A Cooperativa Plena. De longe, o mais poderoso esforço nesta direção é a Vila-Comuna, onde a vida em comunidade é baseada no amalgama entre produção e consumo, produção sendo entendida não exclusivamente como agricultura, mas como a união orgânica entre agricultura, indústria e manufatura também.

As repetidas tentativas implementadas nos últimos 150 anos, na Europa e América, de localizar grupos de colonos desse tipo, sejam comunistas ou cooperativos no estrito senso, depararam-se com o fracasso em sua maioria.³ Eu aplicaria a palavra

2 Como já começamos a ver, Buber costumava grafar com iniciais maiúsculas diversas palavras e expressões em relação às quais, de ordinário, não adotaríamos esse procedimento. Nesta tradução, optou-se por respeitar essa característica do texto original. (NR)

3 É claro, não estou lidando aqui com as, de outro modo, bem sucedidas “organizações socioeconômicas, usadas por agências

“fracasso” não meramente a esses assentamentos, ou tentativas de assentamento, que após uma mais ou menos curta existência ou se desintegraram completamente ou tomaram uma feição Capitalista, passando para o campo inimigo; eu também aplicaria àqueles que se mantiveram em isolamento. A real, a verdadeira missão estrutural da Vila-Comuna começa com a sua federação, ou seja, sua união através dos mesmos princípios operantes na estrutura interna. Quase em nenhum lugar chegou-se a isso. Mesmo onde, como os Dukhobors no Canadá, uma espécie de união federativa existe, a própria federação continua isolada e não exerce influência atrativa e educativa na sociedade como um todo; como resultado, a tarefa nunca vai além de seu início e, conseqüentemente, não se pode falar de sucesso no sentido socialista. É notável que Kropotkin tenha visto nesses dois elementos – isolamento dos assentamentos um dos outros e isolamento do resto da sociedade – as causas de seu fracasso, mesmo entendido ordinariamente.

A missão socialista só pode ser cumprida no grau que a nova Vila-Comuna, combinando as várias formas de produção e unindo produção e consumo, exerce uma influencia estrutural na amorfa sociedade urbana. A influência só se fará sentir plenamente se, e na extensão que, desenvolvimentos tecnológicos posteriores facilitem e mesmo requeiram a descentralização da indústria; mas mesmo agora uma força é latente na Vila-Comuna moderna, e ela pode se espalhar para as cidades. Deve ser enfatizado novamente que a tendência com a qual estamos lidando é construtiva

e tópica: seria romântico e utópico querer destruir as cidades, assim como foi romântico e utópico querer destruir as máquinas, mas é construtivo e tópico tentar transformar organicamente a cidade na mais próxima aliança possível entre desenvolvimento tecnológico e em torná-la um agregado composto de unidades menores. De fato, muitos países hoje mostram significativos inícios a esse respeito.

Como eu vejo a história e o presente, há apenas um esforço de criar uma Cooperativa Plena que justifique nossas falas a respeito de sucesso no senso socialista, e esta é a Vila-Comuna Judaica em suas diversas formas, como se acham na Palestina. Sem dúvida que ela, também, está sujeita a graves problemas na esfera das relações internas, federação e influencia na sociedade, mas ela sozinha já provou sua vitalidade nas três esferas. Em nenhum outro lugar na história dos assentamentos comunitários houve um tatear tão incansável e tão adequado a um grupo humano particular visando à vida em comunidade, um caminhar tão direcionado, tamanha consciência crítica e um brotamento de novos ramos de uma mesma haste e proveniente do mesmo impulso formador. Em nenhum outro lugar houve tamanho estado de alerta para com os próprios problemas, esse constante encará-los, essa firme vontade de entrar em acordo com eles, e esse incansável esforço – embora raramente expresso em palavras – de superá-los. Aqui, e somente aqui, nós achamos na comunidade emergente órgãos de autoconhecimento cuja própria sensibilidade tem constantemente reduzido seus membros ao desespero – mas esse é um desespero que destrói ilusões apenas para levantar em seu lugar uma esperança maior que não é mais emocionalismo,

governamentais ou semigovernamentais para alavancar as condições rurais” (Infield, *Comunidades Cooperativas no trabalho*, p.63).

mas trabalho puro. Assim, após uma sóbria pesquisa e reflexão, pode-se dizer que, neste ponto num mundo de fracassos, podemos reconhecer um não-fracasso – e, tal como ele é, um sinal de não-fracasso.

Quais são as razões para isso? Nós não conseguimos compreender o caráter peculiar dessa colonização cooperativa melhor do que acompanhando essas razões.

Um elemento dessas razões tem sido repetidamente apontado: que a Vila-Comuna Judaica na Palestina deve sua existência não a uma doutrina, mas à situação, às necessidades, ao estresse, as demandas. No estabelecimento da “Kvutzá” ou Vila-Comuna a primeira coisa era não a ideologia, mas o trabalho. Isso é certamente correto, mas com uma limitação. De fato, o ponto era resolver certos problemas de trabalho e construção que a realidade Palestina impunha aos colonos através da cooperação; aquilo que um frouxo conglomerado de indivíduos não poderia, considerando a natureza das coisas, esperar superar, ou nem mesmo tentar superar, o coletivo, por outro lado, poderia, sendo a realidade como é, tentar superar e, na verdade, inclusive obter sucesso ao fazê-lo. Mas o que é chamado “ideologia” – eu, pessoalmente, prefiro a velha, porém imaculada palavra “Ideal” – não era somente algo a ser adicionado posteriormente, que justificaria os fatos consumados. No espírito dos membros das primeiras Comunas Palestinas motivos ideais davam as mãos com os ditames da hora; entre esses motivos havia uma curiosa mistura das memórias do *Artel* Russo, das impressões deixadas pela leitura dos tão chamados Socialistas “utópicos” e dos semi-inconscientes efeitos posteriores

provenientes dos ensinamentos bíblicos sobre justiça social. O importante é que os motivos ideais permaneceram soltos e flexíveis em quase todos os aspectos. Houve vários sonhos sobre o futuro. As pessoas vislumbraram ante si uma nova e mais compreensiva forma de família, viram a si próprias como a vanguarda do Movimento dos Trabalhadores, como o instrumento direto para a realização do socialismo, como o protótipo da nova sociedade; eles tiveram como objetivo a criação de um novo homem em um novo mundo. Mas nada disso foi tirado de receitas de um Programa. Esses homens não trouxeram, como no resto da história dos assentamentos comunitários, um plano consigo, um plano que a situação concreta só poderia preencher, não modificar; o ideal deu ímpeto mas não dogma, ele estimulou mas não ditou.

Mais importante, no entanto, é que, por trás da situação Palestina estava a situação histórica de um povo visitado por uma grande crise externa e respondendo a ela com uma grande mudança interior. Posteriormente, essa situação histórica gerou uma elite – os “Chalutzim” ou pioneiros – formada por pessoas de todas as classes e, portanto além-classes. A forma de vida que convinha a essa elite era a Vila-Comuna, pela qual me refiro não a uma única nota, mas a toda a escala, que vai desde a estrutura social de “apoio mútuo” até a Comuna propriamente dita. Essa forma foi a mais apropriada para cumprir as tarefas dos Chalutzim centrais e, ao mesmo tempo, a forma cujo ideal social poderia influenciar materialmente a ideia nacional. Como as condições históricas demonstraram, foi impossível para essa elite e para a forma de vida que favoreceram se tornarem estáticos ou isolados; todas

as suas lições, tudo o que fizeram, todo o seu espírito pioneiro, fizeram deles um centro de atração e influência. O espírito pioneiro (“Chalutziuth”) é, em todas as suas feições, relacionado ao crescimento de uma nova e transformada comunidade nacional; no momento que esta crescesse de forma auto-suficiente teria perdido sua alma. A Vila-Comuna, como o núcleo da sociedade em evolução, teve que exercer uma poderosa influência sobre as pessoas dedicadas ao processo, e não tinha de meramente educar seus amigos e associados para uma genuína vida comunitária, mas também exercer um efeito formativo estrutural sobre a periferia social. A dinâmica da história determinou o caráter dinâmico das relações entre Vilas-Comunas e a sociedade.

Esse caráter sofreu um considerável revés quando o ritmo da crise no mundo exterior se tornou tão rápido, e seus sintomas tão drásticos, que a mudança interior não pôde fazer frente a eles. Na medida em que a Palestina foi transformada da primeira e única terra da “Aliyah” – ascendência⁴ – num país de imigrantes, uma quase-Chalutziuth surgiu ao lado da genuína Chalutziuth. A força exercida pela Comuna não se abateu, mas seu poder educativo não foi adaptado para o influxo de um material humano tão diverso, enquanto que esse material às vezes sucedia em influenciar o tom da comunidade. Ao mesmo tempo a relação das Comunas com a sociedade sofreu uma mudança. Como a estrutura deste último foi alterada, ela retirou-se mais e mais, da influência transformadora

das células focais, de fato, ela começou por sua vez a influenciá-las – nem sempre notadamente ao princípio, mas evidente hoje – aproveitando certos elementos essenciais nelas e assimilando-os para si.

Na vida das pessoas, particularmente das pessoas que se encontram no epicentro de uma crise histórica, é de importância crucial que as elites genuínas (o que significa elites que não usurpam, mas que são chamadas às suas funções centrais) surjam, ou que essas elites permaneçam leais a sua missão na sociedade, estabelecendo uma relação com ela em vez de consigo mesma, e finalmente, ou que elas tenham o poder para se reabastecer e renovar a si próprias de maneira condizente com sua missão. O destino histórico dos assentamentos Judaicos na Palestina trouxe a elite dos Chalutzim à vida, e encontrou sua forma social nuclear na Vila-Comuna. Outra onda desse mesmo destino se abateu, juntamente com os quase-Chalutzim, trazendo um problema para a elite original. Isso causou um problema que sempre esteve latente para subir a superfície. Eles ainda não sucederam em dominá-lo e ainda devem dominá-lo antes que possam alcançar o próximo estágio de sua missão. A tensão interna entre aqueles que assumem toda a responsabilidade pela comunidade em seus ombros e aqueles que de alguma forma se evadem só pode ser resolvida em um nível profundo.

O ponto onde emerge o problema não é na relação do indivíduo com a ideia unem na sua relação com a comunidade e nem com o trabalho; em todos esses pontos mesmo os quase-Chalutzim apertaram os cintos e fizeram o que se esperava deles. O ponto onde os problemas emergiram, onde as pessoas são aptas a deslizes, é no relacionamento

4 *Aliyah* significa, literalmente, conforme indica Buber, “ascendência”. Na realidade, o termo tornou-se comum para designar o retorno de judeus da Diáspora para a Palestina, já mesmo antes da criação do estado de Israel (NR).

com os seus companheiros. Com isso, não quero me referir à questão, muito levantada atualmente, da intimidade que existe na pequena Kvutzá e da sua perda na grande Kvutzá; eu quero dizer algo que nada tem a ver com o tamanho da Comuna. Não é de todo uma questão de intimidade; esta aparece quando deve, e caso esteja ausente, isso é tudo que existe para ela. A questão é sim uma questão de abertura. Uma verdadeira necessidade da comunidade não consiste em manter as pessoas perpetuamente juntas; mas deve consistir de pessoas que, precisamente por serem camaradas, tem acesso mútuo umas as outras e estão prontas umas as outras. Uma verdadeira comunidade é aquela que em todos os pontos de seu ser possui, potencialmente ao menos, todos os caracteres da comunidade. As questões internas da comunidade são, em realidade, questões relativas à sua própria genuinidade, por conseguinte sua resistência interna e estabilidade. Os homens que criaram as Comunas Judaicas na Palestina instintivamente sabiam disso; mas o instinto não mais parece tão comum e alerta como fora. Sim, é nesse mais importante campo que descobrimos a implacavelmente lúcida auto-observação e autocrítica coletiva para qual eu havia chamado a atenção. Mas para entendê-la e valorizá-la adequadamente precisamos vê-la juntamente a positiva relação – valor de uma fé comum – que esses homens tinham com o mais íntimo ser de sua Comuna. Ambas as coisas são dois lados do mesmo mundo material e não podem ser compreendidas uma sem a outra.

De modo a deixar as causas da não-falha dos assentamentos comunais Judaicos na Palestina suficiente vívidas, começarei com o caráter

não-doutrinário de suas origens. Esse caráter também determinou seu desenvolvimento em todos os seus fundamentos. Novas formas e novas formas intermediárias estavam constantemente ramificando-se – em completa liberdade. Cada uma nasceu de necessidades sociais e espirituais particulares quando vieram a luz – em completa liberdade, e cada uma adquiriu, mesmo nos estágios iniciais, sua própria ideologia – em completa liberdade, cada um lutando para espalhar e estabelecer sua própria esfera – tudo em completa liberdade. Dos campeões das várias formas, cada um tinha sua palavra, os prós e contras de cada forma foram franca e incisivamente debatidos – sempre, no entanto, no plano que todos aceitavam como óbvio: a causa comum e a tarefa comum, onde cada forma reconhecia a justiça relativa de todas as outras formas em suas funções especiais. Tudo isso é único na história dos assentamentos cooperativos. E mais: em nenhum lugar, tanto quanto eu vejo, na história do movimento socialista, estiveram os homens tão profundamente envolvidos no processo de diferenciação e ainda assim com tanta intenção em preservar o princípio integrador.

As várias formas e formas intermediárias que surgiram desse modo em tempos diferentes e em situações diferentes representaram tipos diferentes de estrutura social. As pessoas que as construíram geralmente estavam cientes disso bem como também das necessidades sociais e espirituais particulares que os atuavam. Eles não tinham conhecimento na mesma medida de que cada diferente forma corresponde a novos tipos humanos e que assim que novas formas ramificaram-se a partir da Kvutzá original, novos tipos

ramificaram-se do tipo original do Cholutz, cada qual com seu jeito especial de ser e demandando uma espécie de realização particular. Mais freqüentemente do que não, foram fatores externos econômicos e afins que levaram certo tipo de pessoa a se desprender de uma forma e anexar-se a outra. Mas no essencial, aconteceu que cada tipo olhou para a realização social de suas peculiaridades de sua forma particular, e no geral, encontrou-o lá. E não só cada forma era baseada em um tipo definitivo, ela molda e permanece moldando-o. Foi e é intencional o desenvolvimento disso; a constituição, organização e sistema educacional de cada forma são – não importa quão consciente ou inconscientemente – dedicada a esse fim, portanto, algo foi produzido que é essencialmente diferente de todos os experimentos sociais que já foram feitos: não um laboratório, onde cada um trabalha por si, sozinho com seus problemas e planos, mas uma estação experimental onde, em solo comum, colônias diferentes ou “culturas” são testadas de acordo com diferentes métodos com um propósito comum.

Ainda aqui, também, um problema emergiu, não mais dentro do grupo individual, mas na relação dos grupos entre si; ele não veio de fora, mas de dentro – de fato, a partir do coração do princípio de liberdade.

Mesmo em sua primeira forma indiferenciada estava inata uma tendência para o federalismo na Kvutzá, para fundir as Kvutzoth em uma espécie de unidade social maior: essa foi uma tendência muito importante, uma vez que mostrou que a Kvutzá implicitamente compreendia que ela era a célula de uma recém-estruturada sociedade.

Com a cisão e proliferação das suas várias formas, da forma semi-individualista que zelosamente protegeu a independência pessoal em sua economia doméstica, estilo de vida, educação infantil, etc. até a pura forma Comunista, a unidade de forma foi suplantada por séries de unidades cada uma definida como um tipo de colônia e com um tipo humano mais ou menos definido, constituindo uma base federal. O pressuposto fundamental era que os grupos locais combinariam com os mesmo princípios de solidariedade e ajuda-mútua como reinava dentro do grupo individual. Mas a tendência acerca de unidades maiores está longe de ter atrofiado no processo. Ao contrário, ao menos no Kibbutz, ou Movimento Coletivista, ela se afirma com grande força e clareza; ela reconhece os Kibbutzim federativos – unidades onde os grupos locais reuniram suas diferentes aspirações – como uma estrutura provisória; de fato, um pensador líder do movimento chama-os de substitutos para a Comuna das Comunas. Além do fato, no entanto, que as formas individualistas, especialmente, por exemplo, os “Moshavim” ou Agrupamentos de Trabalho semi-individualista – embora estes não fiquem aquém de qualquer das outras formas em matéria de controle econômico, comunitário e ajuda-mútua – já estão muito afastadas da forma original para serem incluídas num plano unitário, no próprio Movimento Kibbutziano organizações subsidiárias ficam no caminho das tendências para a unificação que quer abraçar e absorvê-los. Cada um desenvolveu um caráter especial próprio e o consolidou em sua unidade, sendo natural que cada um esteja inclinado a ver a unificação como extensão de sua própria influência. Mas algo mais

foi adicionado que levou a uma enorme intensificação dessa atitude por parte das unidades individuais: desenvolvimento político. Há 20 anos um líder de uma das grandes unidades podia dizer enfaticamente: “Nós somos uma comunidade e não um Partido”. Isso mudou radicalmente desde então, e as condições para a unificação se agravaram de acordo. Emergiu o lamentável fato que a atitude mais importante não foi adequadamente desenvolvida, apesar de não serem poucos os casos registrados de uma rica e florescente vila dando generosa ajuda para um vizinho jovem e pobre que pertence a outra unidade. Nessas circunstâncias a grande batalha que eclodiu na questão da unificação, particularmente na última década, é mais digna de nota. Ninguém que seja um Socialista de coração consegue ler o grande documento desta contenda, a compilação em hebraico intitulada *O Kibbutz e a Kvutzá*, editada pelo líder trabalhista Berl Katznelson, sem ficar perdido em admiração com a paixão e a avançada mentalidade com que esses dois campos batalhavam entre si, buscando unidade genuína. A união provavelmente não será mantida a salvo como desfecho de uma situação que faz dela absolutamente necessária. Mas que os homens das Comunas Judaicas têm trabalhado arduamente uns com os outros e uns contra os outros para a emergência de uma *communitas communitatum*, o que significa dizer, para uma sociedade estruturalmente nova – isso não será esquecido na história do esforço humano pela auto-renovação.

Eu havia dito que via nesse ousado empreendimento um “sinal de não-falha”. Eu não posso dizer: um sinal de sucesso. Para se tornar em tal, muito ainda tem de ser feito. No entanto, é deste

modo, neste tipo de ritmo, com estes contratempos, desapontamentos, e novos riscos, que as mudanças reais se cumprem nesse nosso mundo mortal.

Mas pode-se falar dessa não-falha como um “sinal”? Eu indiquei a natureza peculiar das premissas e condições que levaram a isso, e como um dos seus próprios representantes disse acerca da Kvutzá, que ela é um produto tipicamente Palestino, é verdadeiro para todas as formas.

Ainda, se um experimento conduzido sobre certas condições provou-se bem sucedido a um ponto, podemos estabelecer variações sobre condições menos favoráveis.

Difícilmente pode haver qualquer dúvida de que devemos considerar a última guerra como um prelúdio para uma crise mundial. Essa crise provavelmente vai estourar – depois de um sombrio “interlúdio” que não pode demorar muito mais – primeiramente entre algumas nações do Ocidente, que serão aptas a recuperar suas abaladas economias apenas em aparência. Eles se verão frente a frente com a necessidade imediata por uma socialização radical, acima de toda expropriação de terra. Será a autoridade central em um estado altamente centralizador, ou as unidades sociais de trabalhadores urbanos e rurais, vivendo e produzindo numa base comunitária, e seus corpos representativos? Neste último caso os órgãos remodelados do Estado vão executar as funções de harmonização e administração apenas. Sobre esses assuntos, dependerá amplamente do crescimento de uma nova sociedade e de uma nova civilização. O ponto essencial é decidir os fundamentos: A reestruturação da sociedade como a Liga das Ligas, e uma redução do Estado à função que lhe é própria,

que é manter a unidade. Ou o devorar de uma sociedade amorfa pelo Estado onipotente; Socialismo Pluralista ou o tão-chamado Socialismo Unitarista. A proporção certa, testada novamente todo dia de acordo com as mudanças das condições, entre liberdade no grupo e ordem coletiva; ou ordem absoluta imposta indefinidamente pela causa de uma era de liberdade que alega “seguir por conta própria”. Enquanto a Rússia não sofre uma mudança interior essencial – e hoje nós não temos meios de saber quando e como isso se passará –, nós devemos designar um dos dois polos de Socialismo entre os quais se encontra nossa escolha pelo formidável nome “Moscou”. O outro, eu cometerei a ousadia de chamar “Jerusalém”.